

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9

**OS LUSÍADAS:  
A MENTALIDADE EUROPEIA  
SOBRE AS NAVEGAÇÕES DO NOVO MUNDO  
E A HISTÓRIA TRÁGICO MARÍTIMA**

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (ABRAFIL, UERJ)  
[marciomoitinha@hotmail.com](mailto:marciomoitinha@hotmail.com)  
Daniel de Assis Soares (UERJ)

10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22

**RESUMO**

Este minicurso trata de dois temas: a mentalidade europeia sobre as navegações do novo mundo e a história trágico marítima, que são uns dentre muitos temas abordados pela obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. Em relação ao primeiro, serão tratados vários assuntos, desde a missão de Vasco da gama até às consequências expostas pelo velho do Restelo. Já, na segunda proposta, serão abordados, desde a oposição do Velho do Restelo a ganância estatal, até às profecias de Adamastor. Ainda em relação ao segundo tema, cabe mencionar a abordagem do poema de Fernando Pessoa “Mar Português” que não pertence ao autor da obra *Os Lusíadas*, todavia realiza uma intertextualidade com a mesma que será exposta no decorrer do curso. Em suma, demonstraremos que Camões busca inspiração na cultura clássica para contar a história de sucessos e fracassos das navegações portuguesas.

**Palavras-chave:** Literatura portuguesa. *Os Lusíadas*. Camões.

23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31

O tema geral escolhido por Camões para o seu poema foi toda a história de Portugal, como se vê pelo próprio título: *Os Lusíadas*. Esta palavra (neologismo inventado por André de Resende) designa os Portugueses, que a erudição humanística assim nobilitava como descendentes de Luso, filho ou companheiro de Baco. O próprio autor explicita o seu propósito, ao afirmar que canta «o peito ilustre lusitano»[...]. (SARAIVA & LOPES, 2010, p. 333)

32  
33  
34  
35

O escopo deste minicurso é analisar a mentalidade do europeu sobre as navegações do novo mundo e abordar as tragédias ocorridas no mar sob a perspectiva de Luís Vaz de Camões na obra, *Os Lusíadas*, que conta toda história de Portugal.

36  
37  
38  
39

Na obra *Os Lusíadas*, Luís Vaz de Camões não diz somente de mercadorias e trocas comerciais, também celebra a viagem de Vasco da Gama justamente devido ao fim de que fossem celebrados acordos comerciais com o oriente.

1 “D. Manuel (1469-1521), que incumbem Vasco da Gama do des-  
2 bravamento dos oceanos e do estabelecimento de um novo contato entre  
3 o Ocidente e o Oriente”. (TEIXEIRA, 2001, p. 52)

4 O aspecto comercial da obra está relacionado às demais ações da  
5 epopeia. Nota-se, por exemplo, a descrição que Luís Vaz de Camões faz  
6 da volta de Vasco da Gama, depois da tentativa de este celebrar um acor-  
7 do comercial com Samorim em Calecute.

8 Gama não teve sucesso em sua tentativa de firmar um tratado, de-  
9 vido as divergências existentes dentro de Calicute, todavia, Luís Vaz de  
10 Camões revela que a viagem foi proveitosa, pois as naus portuguesas  
11 voltaram cheias de especiarias e Gama trás informações importantes do  
12 Oriente, fundamentais para o preparo de viagens com fins de conquista  
13 da Índia:

14 *Parte-se costa abaxo, porque entende*  
15 *Que em vão co' o Rei gentio trabalhava*  
16 *Em querer dele paz, a qual pretende*  
17 *Por firmar o comércio que tratava;*  
18 *Mas como aquela terra, que se estende*  
19 *Pela Aurora, sabida já deixava,*  
20 *Com estas novas torna à pátria cara,*  
21 *Certos sinais levando do que achara.*

22 *Leva alguns Malabares, que tomou*  
23 *Per força, dos que o Samorim mandara*  
24 *Quando os presos feitores lhe tornou;*  
25 *Leva pimenta ardente, que comprara;*  
26 *A seca flor de Banda não ficou;*  
27 *A noz e o negro cravo, que faz clara*  
28 *A nova ilha Maluco, co' a canela*  
29 *Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.*

30 (CAMÕES, 2012, p. 224-225)

31 Contudo Luís Vaz de Camões não fica restrito a uma simples refe-  
32 rência ao fim a que se destina viagem. Quando tal objetivo é alcançado  
33 Luís Vaz de Camões, em função do merecimento, escreve dois longos  
34 cantos.

35 Os cantos sétimos e oitavo não registraram batalhas sanguinolentas, nem  
36 profissões de fé; são dedicados, sim, a uma descrição das dificuldades enfren-  
37 tadas pelos portugueses, nas delicadas negociações para o estabelecimento de  
38 relações comerciais com a Índia. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 256)

1 No canto sétimo, ele se torna mais explícito, quanto ao fim da vi-  
2 agem à Índia, abordando a proposta de um acordo militar e comercial,  
3 com retorno lucrativo para ambas as nações:

4 E se queres, com pactos e lianças  
5 De paz e de amizade, sacra e nua,  
6 Comércio consentir das abundanças  
7 Das fazendas da terra sua e tua,  
8 Por que creçam as rendas e abastanças  
9 (Por quem a gente mais trabalha e sua)  
10 *De vossos Reinos, será certamente*  
11 *De ti proveito, e dele glória ingente.*

12 E sendo assi que o nó desta amizade  
13 Entre vós firmemente permaneça,  
14 Estará pronto a toda adversidade  
15 Que por guerra a teu Reino se ofereça,  
16 Com gente, armas e naus, de qualidade  
17 Que por irmão te tenha e te conheça;  
18 E da vontade em ti sobr'isto posta  
19 Me dês a mi certíssima resposta.

20 (CAMÕES, 2012, p. 192)

21 Desta maneira, Luís Vaz de Camões não é apenas mais explícito  
22 com relação aos objetivos da viagem, também faz o acompanhamento e o  
23 destaque dos passos cumpridos pelos portugueses na realização do proje-  
24 to, instaurando a concepção de que a expansão comercial é um elemento  
25 de união e civilização dos povos.

26 No canto sétimo, a narrativa descreve a chegada dos portugueses à  
27 Índia, na qual o narrador, antes de qualquer comentário de cunho religio-  
28 so fala da riqueza do local:

29 Já se viam chegados junto à terra  
30 Que desejada já de tantos fora,  
31 Que entre as correntes Indicas se encerra  
32 E o Ganges, que no Céu terreno mora.  
33 Ora sus, gente forte, que na guerra  
34 Quereis levar a palma vencedora:  
35 Já sois chegados, já tendes diante  
36 *A terra de riquezas abundante!*

37 (CAMÕES, 2012, p. 178)

38 Somente após fazer referência de forma cobiçosa a tal riqueza, o  
39 narrador diz da Fé, o fazendo com o intento de contrapor Portugal ao res-  
40 tante de toda Europa.

1 Neste momento histórico, grande parte da Europa estava imersa  
2 em uma guerra religiosa.

3 Diante disso, Luís Vaz de Camões, em sua obra, não aborda ape-  
4 nas das relações comerciais, da riqueza e das mercadorias, porém possui  
5 uma perspectiva positiva deles, o que contrapõe a ideologia religiosa, que  
6 luta contra a cobiça. Para Luís Vaz de Camões, a cobiça deve ser encara-  
7 da, como um aspecto humano, que precisa ser “[...] canalizada contra o  
8 inimigo comum dos cristãos, os mulçumanos”. (IANNONE *et al.*, 1998,  
9 p. 259)

10 Em relação ao clero, o narrador analisa a dissolução moral do cle-  
11 ro romano, e das divisões religiosas. Em tal crítica, ninguém escapa. Lu-  
12 tero é acusado de ser independente da soberania papal. Henrique VIII é  
13 acusado de perseguir e de dividir os fiéis católicos, ao invés de conservar  
14 a coesão para que Jerusalém fosse libertada do domínio mulçumano;  
15 Francisco I, mesmo sendo católico, fez uma aliança com os turcos para  
16 combater Carlos I, também católico. Vejamos o fragmento selecionado:

17 Vede'los Alemães, *soberbo gado*,  
18 Que por tão largos campos se apacenta;  
19 Do *sucessor de Pedro* rebelado,  
20 Novo pastor e nova seita inventa;  
21 Vede'lo em feias guerras ocupado,  
22 Que inda co cego error se não contenta,  
23 Não contra o superbíssimo Otomano,  
24 Mas por sair do jugo soberano.

25 Vede'lo *duro Inglês*, que se nomeia  
26 Rei da velha e santíssima Cidade,  
27 Que o torpe Ismaelita senhoreia  
28 (Quem viu honra tão longe da verdade?),  
29 Entre as Boreais neves se recreia,  
30 *Nova maneira faz de Cristandade*:  
31 Pera os de Cristo tem a espada nua,  
32 Não por tomar a terra que era sua.

33 Guarda-lhe, por entanto, um falso Rei  
34 A cidade Hierosólima terrestre,  
35 Enquanto ele não guarda a santa Lei  
36 Da cidade Hierosólima celeste.  
37 Pois de ti, *Galo indino*, que direi?  
38 Que o nome «*Cristianíssimo*» quiseste,  
39 Não pera defendê-lo nem guardá-lo,  
40 Mas pera ser contra ele e derribá-lo!

41 (CAMÕES, 2012, p. 178-179)

42

1 A famosa exortação aos estados cristãos – aos Alemães, "*soberbo gado*",  
2 rebelados contra o "*sucessor de Pedro*", ao "*duro Inglês*" que "*nova maneira*  
3 *faz da Cristandade*", ao "*Galo indigno*" que desonra o título de "*cristianismo*"  
4 atacando o Papa, à Itália "submersa em vícios mil" [...]. (SARAIVA & LO-  
5 PES, 2010, p. 333)

6 “Mergulhados na ociosidade, nos vícios e obcecados com as ri-  
7 quezas materiais, os padres da Igreja não conseguem mais unificar os  
8 cristãos”. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 260)

9 Isto demonstra que a religião não é mais um elemento unificador  
10 da Europa diferentemente do período feudal em que a religião “[...] era o  
11 ponto de união entre os homens[...] e garantia a estrutura hierárquica da-  
12 quella sociedade [...]”. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 260)

13 Luís Vaz de Camões, em sua obra, faz uma apologia à cobiça,  
14 como um novo fator de união entre os europeus. Através da cobiça, tendo  
15 Portugal, como exemplo, os europeus podem juntar-se contra os turcos  
16 que têm a posse das riquezas, que o Oriente tem a oferecer. Isto é, se a  
17 religião não possui mais a capacidade de unir os europeus, que seja o  
18 comércio:

19 Ó míseros Cristãos, pola ventura  
20 Sois os dentes, de Cadmo desparzidos,  
21 Que uns aos outros se dão à morte dura,  
22 Sendo todos de um ventre produzidos?  
23 Não vedes a divina Sepultura  
24 Possuída de Cães, que, sempre unidos,  
25 Vos vêm tomar a vossa antiga terra,  
26 Fazendo-se famosos pela guerra?

27 Vedes que têm por uso e por decreto,  
28 Do qual são tão inteiros observantes,  
29 Ajuntarem o exército inquieto  
30 Contra os povos que são de Cristo amantes;  
31 Entre vós nunca deixa a fera Aleto  
32 De samear cizânias repugnantes.  
33 Olhai se estais seguros de perigos,  
34 Que eles, e vós, sois vossos inimigos.

35 *Se cobiça de grandes senhorios*  
36 *Vos faz ir conquistar terras alheias,*  
37 *Não vedes que Pactolo e Hermo rios*  
38 *Ambos volvem auríferas areias?*  
39 *Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;*  
40 *África esconde em si luzentes veias;*  
41 *Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,*  
42 *Pois mover-vos não pode a Casa Santa.*

43 (CAMÕES, 2012, p. 180)

1 Ao conceber a cobiça e a expansão mercantil, como agentes civilizadores  
2 e divulgadores da Fé católica, Camões distancia-se de muitos de seus contem-  
3 porâneos. Essa diferença aparece também no entusiasmo com que descreve a  
4 riqueza da Índia e o luxo com que o capitão português se veste para encontrar  
5 embaixadores e reis tão luxuosamente paramentados quanto ele. Para Camões,  
6 cobiça, viagens, império, luxo, troca são elementos integrantes de um mesmo  
7 fato: a expansão comercial. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 261)

8 “O Poeta acreditava no discurso dominante na época: para ele, a  
9 história portuguesa tinha uma missão civilizadora a cumprir no mundo,  
10 impondo aos quatro cantos sua religião e a sua doutrina política”. (TEI-  
11 XEIRA, 2001, p. 30)

12 A composição camoniana, trás em si, um traço peculiar: a liga-  
13 ção entre o comércio (mercantilismo) e a religião, que é evidenciada e  
14 corroborada pela seguinte estrofe:

15 *Deus*, por certo, vos traz, porque pretende  
16 Alguém serviço seu por vós obrado;  
17 Por isso só vos guia e vos defende  
18 Dos inimigos, do mar, do vento irado.  
19 *Sabei que estais na Índia, onde se estende*  
20 *Diverso povo, rico e prosperado*  
21 *De ouro luzente e fina pedraria*  
22 *Cheiro suave, ardente especiaría.*

23 (CAMÕES, 2012, p. 180)

24 Ou seja, na estrofe supracitada, percebe-se a harmonia existente  
25 entre o serviço de Deus e o dos homens.

26 A concepção histórica da viagem de Vasco da Gama tem da viagem e,  
27 portanto, do comércio é de que a história não se faz pela vontade individual,  
28 mas é resultado de lutas entre classes e interesses distintos. Ele trata dessa luta  
29 pela expansão do comércio como uma luta entre interesses distintos. Realmen-  
30 te ele não descreve trocas, não coloca no centro da epopeia os comerciantes  
31 individuais, mas de uma perspectiva mais globalizante, representa essa luta  
32 por um acontecimento nacional, sem deixar, todavia, de abordar as diversas  
33 divergências internas. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 262)

34 Por este motivo, há uma centralização, no personagem Vasco da  
35 Gama que surgiu como consequência de um conflito entre seres humanos  
36 concretos, causa pela qual os personagens do poema são sujeitos oriun-  
37 dos de vários níveis sociais e diversas culturas e estágios de civilização:

38 No século XVI, o comércio com os povos orientais, através de novas rotas  
39 apresenta-se, como uma nova possibilidade de vida e, como tal, é uma ati-  
40 vidade que implica um conflito com interesses ligados a formas anteriores de  
41 existência. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 262)

1 Logo, se conclui que Luís Vaz de Camões, não só tinha consciên-  
2 cia da finalidade mercantil da viagem, como também de que a expansão  
3 marítima resulta, em uma guerra interna, entre os interesses da nação e  
4 do capital mercantil.

5 Através da fala do Velho do Restelo é possível perceber a posição  
6 negativa, em relação à cobiça, cujo objetivo é mostrar que o projeto (a  
7 viagem), apesar de muitas divergências internas, ela aconteceria mesmo  
8 assim. Esta foi uma das formas adotadas por Luís Vaz de Camões para  
9 fazer o registro épico dos interesses tradicionais, sendo deixados para se-  
10 gundo plano em função do tratamento prioritário que a monarquia portu-  
11 guesa dava ao comércio marítimo e às viagens.

12 *Os Lusíadas* exaltam uma expansão que, na sua fase decisiva, foi condu-  
13 zida em moldes monárquicos a favor, então da classe dominante, e não pela  
14 ocorrência capitalista privada [...]. (SARAIVA & LOPES, 2010, p. 336)

15 No episódio do Velho do Restelo, que integra a partida das naus de Vasco  
16 da Gama para a Índia, destacam-se estrofes reflexivas sobre a ambição do ho-  
17 mem pelo progresso material e clara censura das navegações, como projeto  
18 nacional português. (TEIXEIRA, 2001, p.36).

19 Na obra camonianiana, a visão do Velho do Restelo é a destruição  
20 através da cobiça, motivo que faz com que os homens procurem terras  
21 longínquas, com o favorecimento do Estado Português destruindo o equi-  
22 líbrio social. Acerca disso, o Velho do Restelo, a voz da experiência, de-  
23 clara:

24 Dura inquietação d'alma e da vida  
25 Fonte de desemparos e adultérios,  
26 Sagaz consumidora conhecida  
27 De fazendas, de reinas e de impérios!  
28 hamam-te ilustre, chamam-te subida,  
29 Sendo dina de infames vitupérios;  
30 Chamam-te Fama e Glória soberana,  
31 Nomes com quem se o povo néscio engana!  
32 «A que novos desastres determinas  
33 De levar estes Reinos e esta gente?  
34 Que perigos, que mortes lhe destinas,  
35 Debaixo dalgum nome preminente?  
36 Que promessas de reinos e de minas  
37 D'ouro, que lhe farás tão facilmente?  
38 Que famas lhe prometerás? Que histórias?  
39 Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

40 (CAMÕES, 2012, p. 128-129)

41

1 A crítica do Velho do Restelo é o desequilíbrio interno de Portu-  
2 gal cujo motivo é a viabilização da riqueza do país para a evolução da  
3 atividade comercial.

4 É provável que, no contexto de luta que Camões representa, a fala do Ve-  
5 lho do Restelo apareça como um meio de mostrar que não houve unanimidade  
6 quanto à realização das conquistas. Isto só faz valorizar ainda mais aqueles  
7 homens que, negando toda uma tradição portuguesa, a tradição camponesa,  
8 aventuram-se no mar, sofrem naufrágios, privações, mortes violentas e retor-  
9 nam vitoriosos. (IANNONE *et al.*, 1998, p. 263)

10 O narrador faz observações com relação a chegada dos marinha-  
11 ros às Índias o que também comprova sua visão positiva em objeção ao  
12 ponto de vista do Velho do Restelo, que é a concepção daqueles que  
13 permaneceram em Portugal. Surge então à concepção histórica na qual  
14 gera o movimento das classes sociais.

15 Tal visão fica explícita no instante em que o narrador avalia os re-  
16 sultados da conquista da Índia. Para Luís Vaz de Camões "[...] a nobreza  
17 não é uma prerrogativa ligada ao nascimento, mas um prêmio que se  
18 consegue com o trabalho". (IANNONE *et al.*, 1998, p. 264)

19 Ainda, para Luís Vaz de Camões, a antiga nobreza deixou suas  
20 funções originais e ficou restrita a uma forma de vida luxuosa:

21 Por meio destes hórridos perigos,  
22 Destes trabalhos graves e temores,  
23 Alcançam os que são de fama amigos  
24 As honras imortais e graus maiores;  
25 Não encostados sempre nos antigos  
26 Troncos nobres de seus antecessores;  
27 Não nos leitos dourados, entre os finos  
28 Animais de Moscóvia zibelinos;  
29 Não cos manjares novos e esquisitos,  
30 Não cos passeios moles e ouciosos,  
31 Não cos vários deleites e infinitos,  
32 Que afeminam os peitos generosos;  
33 Não cos nunca vencidos apetitos,  
34 Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,  
35 Que não sofre a nenhum que o passo mude  
36 Pera algũa obra heroica de virtude.

37 (CAMÕES, 2012, p. 176)

38

1 *As histórias trágico-marítimas*

2 A expansão marítima comercial, dos séculos XV e XVI, veio a  
3 trazer muito lucro ao povo lusitano. Os homens, que se aventuram no  
4 magno e desconhecido mar, arriscaram suas vidas para proporcionarem  
5 glória e riqueza para a nação!

6 Varões bravos e valentes, cuja missão era estar a serviço da Fé  
7 (Igreja) e da coroa portuguesa (Estado), deixaram sua marca, na história,  
8 sendo partes deveras relevantes de um empreendimento do qual o escopo  
9 maior era uma procura incessante de tesouros, de riquezas com o fim de  
10 enriquecimento da monarquia. Contudo, o desenvolvimento econômico  
11 do Estado português também teve seu preço: vários homens perderam  
12 suas vidas, e muitos navios também se perderam.

13 Movidos pela ambição, conforme a crítica supracitada do perso-  
14 nagem Velho do Restelo da epopeia camoniana, muitos destes heróis ao  
15 se arriscarem no mar, até então desconhecido, porém não pensavam, no  
16 lado negativo desta aventura, muito menos os possíveis transtornos du-  
17 rante a rota. Vejamos os versos destacados:

18 *Dura inquietação d'alma e da vida*  
19 [...]Nomes com quem se o povo néscio engana!  
20 *A que novos desastres determinas*  
21 *De levar estes Reinos e esta gente?*  
22 *Que perigos, que mortes lhe destinas[...]*

23 (CAMÕES, 2012, p. 128-129)

24 Em consonância com a fala do personagem do Velho do Restelo,  
25 o poeta português, Fernando Pessoa, em seu poema “Mar Português” de-  
26 clara:

27 MAR PORTUGUÊS<sup>1</sup>  
28 Ó MAR SALGADO, quanto do teu sal  
29 São lágrimas de Portugal!  
30 Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
31 Quantos filhos em vão rezaram!  
32 Quantas noivas ficaram por casar  
33 Para que fosses nosso, ó mar!  
34 Valeu a pena? Tudo vale a pena  
35 se a alma não é pequena.

---

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em:  
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>>.

1 Quem quer passar além do Bojador  
2 Tem que passar além da dor.  
3 Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
4 Mas nele é que espelhou o céu.

5 Analisando o poema de Fernando Pessoa, nota-se expressa um  
6 sentimento profundo de tristeza e lamentando pela dor daqueles que per-  
7 deram seus entes queridos em virtude da ganância da coroa portuguesa,  
8 quando diz:

9 Ó MAR SALGADO, quanto do teu sal  
10 São lágrimas de Portugal!”  
11 São lágrimas de Portugal!  
12 Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
13 Quantos filhos em vão rezaram!  
14 Quantas noivas ficaram por casar  
15 Para que fosses nosso, ó mar! [...]

16 *(Idem, ibidem)*

17 Aqui, o poeta faz uma metáfora: a quantidade de sal do mar é a  
18 quantidade de lágrimas dos portugueses que perderam seus familiares, na  
19 expansão marítima. A ideia do autor é expressar que houve muitas perdas  
20 de lusitanos nesse período.

21 Após a tal declaração, o Eu-poético muda de estado, que oscilou  
22 da tristeza para euforia:

23 [...] Valeu a pena? Tudo vale a pena  
24 se a alma não é pequena

25 *(Idem, ibidem)*

26 O que demonstra a discussão polêmica que vem, desde aquele tem-  
27 po em torno da expansão marítima lusitana. Em meio à euforia, o eu- lí-  
28 rico apresenta sua justificativa do domínio das navegações.

29 Em seguida o poeta diz:

30 Quem quer passar além do Bojador  
31 Tem que passar além da dor.

32 *(Idem, ibidem)*

33 A expressão “passar além do Bojador” usado por Fernando Pessoa  
34 viabiliza fazer uma intertextualidade com o texto camoniano, em seu  
35 Canto V, que aborda as aventuras do povo lusitano pelo “mar tenebroso”.

36 Entende-se que Bojador é representado, alegoricamente, no texto  
37 de Luís Vaz de Camões pelo personagem “gigante Adamastor”. Tanto o

1 gigante na obra de Luís Vaz de Camões, quanto o Bojador, no poema de  
2 Fernando Pessoa servem de barreira, obstáculo, para os que procuram  
3 atingir seus objetivos.

4 Os que transpassam tais impedimentos e infortúnios diversos, na  
5 difícil viagem, superando limites, devem deixar a dor e o sofrimento, no  
6 passado, conforme diz o eu-lírico: “Tem que passar além da dor”.

7 Tal trecho do poema expressa a bravura, depois da passagem pelo  
8 Bojador, obstáculo que aparece, na figura de Adamastor, gigante mitoló-  
9 gico, introduzido na história por Luís Vaz de Camões, que exalta a bra-  
10 vura da tripulação e faz profecias. Trata-se de um recurso utilizado pelo  
11 autor para tratar de ocorrências históricas, posteriores, a Luís Vaz de  
12 Camões.

13 O gigante profetiza, à morte, o primeiro vice-rei da Índia, assassi-  
14 nado pelos aborígenes, ao norte do Cabo das Tormentas, no momento que  
15 depunha os troféus obtidos no conflito de Dio:

16 E do primeiro ilustre, que a ventura  
17 Com fama alta fizer tocar os céus,  
18 Serei eterna e nova sepultura,  
19 Por juízos incógnitos de Deus.  
20 Aqui porá da turca armada dura  
21 Os soberbos e prósperos troféus;  
22 Comigo de seus danos o ameaça  
23 A destruída Quíloa com Mombaça

24 (CAMÕES, 2012, p. 141)

25 Adamastor<sup>2</sup> faz alusão ao ilustre português, Manuel de Sousa Se-  
26 púlveda, com sua família, foi salvo de um naufrágio, todavia passou por  
27 sofrimentos, tais como ver os filhos falecerem por causa da fome, ver sua  
28 esposa ser despida e desrespeitada pelos cafres<sup>3</sup>, e finalmente falecerem  
29 depois desses terríveis sofrimentos:

30 Outro também virá de honrada fama,  
31 Liberal, cavaleiro, enamorado,  
32 E consigo trará a fermosa dama  
33 Que Amor por grão mercê lhe terá dado.  
34 Triste ventura e negro fado os chama  
35 Neste terreno meu, que, duro e irado,

---

<sup>2</sup> μυθολογία – significa indomável

<sup>3</sup> Negros do sul do continente africano

1 Os deixará dum cru naufrágio vivos,  
2 Pera verem trabalhos excessivos.

3 (CAMÕES, 2012, p. 141)

4 Vasco da Gama interrompe a fala do gigante para perguntar-lhe  
5 quem era, e ele se apresenta: é o Cabo das Tormentas<sup>4</sup>. Adamastor narra  
6 como sofreu uma desilusão amorosa, e de que forma Júpiter o castigou,  
7 ao vencer os Titãs, seus irmãos: fora metamorfoseado, tendo sua carne  
8 sido transformada em terra, e os ossos em penedos. Logo, rompe em  
9 prantos e some. Vasco da Gama solicita a Deus que não permita que tais  
10 profecias se realizem.

11 A obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões é uma importante  
12 fonte de estudo literário para seus leitores”. Através dela, é possível ver a  
13 história de Portugal, sendo inspirada, em outras obras da cultura greco-  
14 romana, o que constitui traço marcante do renascimento cultural.

15 Luís Vaz de Camões demonstra por meio de seu texto ser um pro-  
16 fundo conhecedor da história portuguesa e da cultura clássica. Sua epi-  
17 peia tem traços marcantes que revelam sua erudição e conhecimento.  
18 Pois através deste conhecimento, se pode enxergar historicamente a men-  
19 talidade do europeu, na época das grandes navegações, em seu aspecto  
20 positivo, que resultou no enriquecimento lusitano; e em seus aspectos  
21 negativos, que tiveram, como consequências trágicas, perdas e mortes.

## 22 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

24 SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura*  
25 *portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2010.

26 TEIXEIRA, Ivan. *Os lusíadas: episódios*. 2. ed. São Paulo. Ateliê, 2001

27 IANNONE, Carlos Alberto, GOBBI, Márcia Valéria Zamboni, JUN-  
28 QUEIRA, Renata Soares. (Orgs.). *Sobre as naus da iniciação: estudos*  
29 *portugueses de literatura e história*. São Paulo: UNESP, 1998.

30 PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em:  
31 <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>>.

32 CAMÕES, Luís Vaz de. *Os lusíadas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret,  
33 2012.

---

<sup>4</sup> Ou Cabo da Boa Esperança, localizado limite da costa meridional da África